



**Universidade Federal do Oeste do Pará  
Instituto de Ciências da Educação  
Programa de Ciências Humanas  
Curso de Licenciatura em Geografia**

**CORPOS INVISÍVEIS: UMA ANÁLISE SOBRE OS TERRITÓRIOS DA  
PROSTITUIÇÃO TRAVESTI EM SANTARÉM/PA**

**DARLAN COSTA DOS SANTOS OLIVEIRA**

**SANTARÉM - PARÁ  
2024**

**DARLAN COSTA DOS SANTOS OLIVEIRA**

**CORPOS INVISÍVEIS: UMA ANÁLISE SOBRE OS TERRITÓRIOS DA  
PROSTITUIÇÃO TRAVESTI EM SANTARÉM/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa),  
como requisito obrigatório para obtenção do título  
de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pansonato Cazula

**SANTARÉM/PA  
2024**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

- O48c      Oliveira, Darlan Costa dos Santos  
            Corpos invisíveis: uma análise sobre os territórios da prostituição travesti em Santarém/PA / Darlan Costa dos Santos Oliveira. – Santarém, 2024.  
            55 p.: il.  
            Inclui bibliografias.
- Orientador: Leandro Pansonato Cazula.  
            Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Geografia.
1. Prostituição – Santarém (PA). 2. Travestis. 3. Território e Territorialidade. I. Cazula, Leandro Pansonato, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed.306.74098115

**DARLAN COSTA DOS SANTOS OLIVEIRA**

**CORPOS INVISÍVEIS: UMA ANÁLISE SOBRE OS TERRITÓRIOS DA  
PROSTITUIÇÃO TRAVESTI EM SANTARÉM-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA),  
como requisito obrigatório para obtenção do título  
de Licenciado em Geografia.

Nota:

Data da aprovação:

Prof. Dr. Leandro Pansonato Cazula, Orientador.

Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Betanha Cardoso Barbosa, Avaliadora.

Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Betânia Sousa Pimentel, Avaliadora.

Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade – Belém/PA



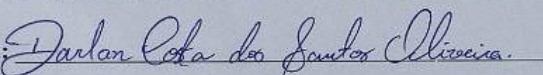
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CAMPUS SANTARÉM – UNIDADE RONDON  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



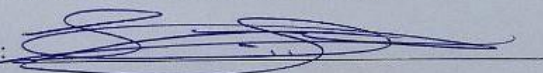
**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Aos vinte e quatro dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro realizou-se na Unidade Rondon do Campus de Santarém da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), a apresentação pública do Trabalho de Conclusão do Curso desenvolvido pelo discente **DARLAN COSTA DOS SANTOS OLIVEIRA**, intitulado “**CORPOS INVISÍVEIS: UMA ANÁLISE SOBRE OS TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI EM SANTARÉM/PA**”, sob orientação do Professor **Leandro Pansonato Cazula**, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A banca avaliadora foi composta pelo orientador citado e pelas Professora **Maria Betanha Cardoso Barbosa** e **Ana Betânia Sousa Pimentel**. Após a análise do texto e defesa do TCC, os avaliadores deram o parecer na Ficha de Avaliação em anexo e deferiram pela ( X ) **aprovação** do TCC, resultando na nota **9,5**, para o autor. Proclamados os resultados pelo Coordenador da banca, foram encerrados os trabalhos e para constar, eu **Leandro Pansonato Cazula** lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor do trabalho e pelos membros da banca examinadora.

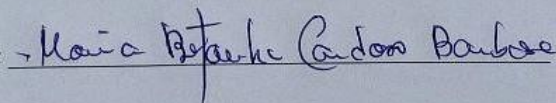
**Autor:** DARLAN COSTA DOS SANTOS OLIVEIRA    **Matrícula:** 201700263

**Assinatura:** 

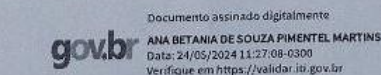
**Orientador:** Prof. Dr. Leandro Pansonato Cazula, Orientador.

**Assinatura:** 

**Avaliadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Betanha Cardoso Barbosa

**Assinatura:** 

**Avaliadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Betânia Sousa Pimentel

**Assinatura:**  gov.br  
Documento assinado digitalmente  
ANA BETANIA DE SOUZA PIMENTEL MARTINS  
Data: 24/05/2024 11:27:08-0300  
Verifique em <https://validar.iu.gov.br>

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, de onde tirei coragem para enfrentar esta longa e significativa etapa em minha vida.

A Nossa Senhora da Conceição, em sua maternidade divina que me inspira cotidianamente com minha devoção.

A Santa Rita de Cássia de qual sou muito devoto.

Ao corpo docente do curso de geografia, pelas importantes contribuições ao longo desses anos.

A Maria Salomé, por todo o carinho; seria a orientadora deste trabalho, mas por motivos que aqui não cabem ser pautados, não pôde dar continuidade.

A professora Maria Betanha, pelos importantes conselhos na reta final desta jornada.

Ao professor Leandro Cazula, que mesmo fora da sua área específica de análise, aceitou orientar esta pesquisa.

Aos companheiros de jornada, na qual tiveram suma importância em meu crescimento enquanto geógrafo e principalmente enquanto adulto, especialmente: Suzanny, Maxilene, Celso e Jarison.

Pelas trocas mais próximas e pelo afeto: Jacilene, Agriane e Thatiane, não teria aguentado tanto sem o carinho, as trocas e os alertas. Também agradeço imensamente a Carol, que por razões diversas não continuou esta jornada.

Por fim e não menos importante, a minha família, especialmente meus avós e minha tia, sou imensamente grato por compreenderem meu processo. E minha avó Maria Darcimey, muito obrigado por tudo, e principalmente por compreender minhas particularidades e minha sexualidade; buscando sempre me aconselhar pelos melhores caminhos.

## **RESUMO**

O presente trabalho realiza uma análise sobre as espacialidades que são territorializadas por travestis em Santarém/PA, para a prática da atividade de prostituição, em dois recortes espaciais: o longo da rodovia BR-163 e nas proximidades do terminal hidroviário do bairro Prainha. Nos capítulos deste estudo, apresentamos gradativamente as problemáticas que permeiam o existir das sujeitas travestis, que são o foco da pesquisa. Assim, entende-se que, de acordo com as diferentes formas de exclusão e violência, é na prostituição que as travestis encontram formas de sobrevivência. Foi realizada revisão bibliográfica, ainda que pouco discutida e explorada na ciência geográfica, além de registros fotográficos das localidades analisadas. Dessa forma, tornou-se possível fazer a compreensão da problemática apresentada, bem como os elementos espaciais que corroboram para a escolha de espaços para a construção de territórios, entendidos como temporários das travestis, tal qual as conjunturas que venham a provocar as dissoluções dessas territorialidades.

**Palavras-Chave:** Territórios, territorialidades, prostituição, travestis.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the spatialities that are territorialized by transvestites in Santarém/PA, for the practice of prostitution, in two spatial areas: along the BR-163 highway and near the Prainha district waterway terminal. In the chapters of this study, we gradually present the issues that permeate the existence of transvestite subjects, who are the focus of the research. Thus, it is understood that, according to the different forms of exclusion and violence, it is in prostitution that transvestites find ways of surviving. A bibliographical review was carried out, although it has been little discussed and explored in geographical science, as well as photographic records of the locations analyzed. In this way, it became possible to understand the problem presented, as well as the spatial elements that corroborate the choice of spaces for the construction of territories, understood as temporary for transvestites, as well as the conjunctures that cause the dissolution of these territorialities.

**Keywords:** Territories, territorialities, prostitution, transvestites.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1.</b> Viaduto de Santarém, espaço territorializado para a prostituição.....	<b>41</b>
<b>Fotografia 2.</b> Trecho da BR-163 onde puderam ser observadas territorialidades da prostituição.....	<b>42</b>
<b>Fotografia 3.</b> Trecho da BR-163 onde está localizado o Terminal Rodoviário de Santarém/PA.....	<b>43</b>
<b>Fotografia 4.</b> Trecho da BR-163 que costuma ser territorializado.....	<b>45</b>
<b>Fotografia 5.</b> Entornos do Terminal Hidroviário de Santarém/PA.....	<b>47</b>
<b>Fotografia 6.</b> Vias sem assistência do Poder Público.....	<b>48</b>
<b>Fotografia 7.</b> Caminhões localizados ao longo das vias que cercam o Terminal Hidroviário.....	<b>48</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Viaduto de Santarém, espaço utilizado para territorialização com fins de prostituição travesti em Santarém/PA. ....	<b>30</b>
<b>Figura 2</b> Terminal Hidroviário de Santarém/PA.....	<b>31</b>
<b>Figura 3</b> Infográfico acerca dos assassinatos de pessoas trans entre 2017 a 2023.....	<b>35</b>
<b>Figura 4</b> Infográfico acerca dos assassinatos de pessoas trans entre 2017 a 2023 por unidades federativas.....	<b>36</b>
<b>Figura 5</b> Perfil etário de pessoas trans vitimadas pela violência.....	<b>37</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>ANTRA</b>	Associação Nacional de Trans e Travestis
<b>LGBT+</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis
<b>MHB</b>	Movimento Homossexual Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: O SER TRAVESTI E O TERRITÓRIO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1. A proposta de pesquisa: abjetas de estudo .....</b>	<b>17</b>
<b>1.2. O território enquanto essência para a identidade .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS DE PESQUISA E APORTES TEÓRICOS CONCEITUAIS DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1. Aplicação dos aportes teóricos sobre a prostituição travesti em Santarém/PA.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2. Problemáticas quanto ao existir de travestis no Brasil; a prostituição como recurso .....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO 3 – OS TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO EM SANTARÉM.....</b>	<b>40</b>
<b>3.1. Os espaços da cidade convertidos em territórios da prostituição.....</b>	<b>40</b>
<b>3.2. Novas territorialidades da prostituição em Santarém .....</b>	<b>46</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta discussões e análises sobre as espacialidades estabelecidas por grupos LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis), onde os mesmos mantêm territorialidade em diferentes zonas no espaço da cidade de Santarém/PA. Além de investigar a vivência em seus “espaços”, ultrapassando o simples ato de descrever lugares e momentos para interpretar espacialidades e temporalidades, compreendendo a partir de um olhar que se volta às identidades e territorialidades, sensível e crítica a espacialidade de um determinado grupo social. A população LGBTQ+ é constantemente invisibilizada e excluída de diversos âmbitos sociais, e esse problema tem um grau maior de agravamento quando analisamos mais especificamente a população travesti.

O movimento LGBTQ+ ganha notório destaque no Brasil, no fim dos anos da década de 1970, aliados a movimentos populares que buscavam resistência perante as opressões impostas pelo regime ditatorial militar, que perdurou até 1985. O então chamado Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) tornou-se movimento LGBTQ (Lésbicas, Gays Bissexuais, Transexuais), abrangendo mudanças para que assim pudesse, de forma mais ampla, contribuir e promover significativas mudanças estruturais na sociedade brasileira. É importante ressaltar aqui que pessoas, ditas subversivas, foram abertamente perseguidos e asfixiados pelo sistema em vigor por representarem ‘ameaça’ as normas de padronização da sociedade em questão. Já em meados da década de 1980, entre avanços significativos, pode-se mencionar a retirada da homossexualidade da lista de doenças do, na época, Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social.

Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, sofreram e sofrem com diversificadas formas de preconceito ao longo de suas trajetórias. Sexualidades e transgeneridades tem registros bem remotos no Brasil e no mundo, identificados em antiguidades como formas de comportamentos subversivos, fugindo dos padrões de heteronormatividade. Especificamente para sujeitas travestis, assumir a identidade exige cautela perante a inúmeros desafios, comumente rejeitadas por aqueles que poderiam acolher, encontram nas ruas formas de sobrevivência com seus semelhantes de ‘batalhas’<sup>1</sup>. Acabam por adentrar em situações que testam suas

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para se referir à atividade da prostituição.

resistências, enfrentando diferentes territorialidades, criminalidades, violências sexuais, os riscos de exposição à doenças e infecções sexualmente transmissíveis e, conseqüentemente, baixas expectativas de vida.

A atividade comercial da prostituição é realizada desde a antiguidade, sendo referida, em muitos contextos, como a mais antiga das profissões, estando realizada tanto por mulheres – de maneira mais expressiva, como por homens.

Tendo uma íntima relação com o espaço, a temática da prostituição ainda encontra barreiras a ser discutida no âmbito da ciência geográfica, sendo abordada com mais frequência em outras áreas das ciências humanas, como antropologia e a sociologia. Portanto, compreender a relação territorial que profissionais do sexo – neste caso específico, as travestis – com seus respectivos espaços de atuação, nos permite expandir as noções de entendimento acerca de territórios e territorialidades, para além da base Estado-Nação, onde essas respectivas categorias encontram-se mais enraizadas.

É fato que a prostituição ainda é vista com certa discriminação, seja pela sociedade, seja por parte do meio acadêmico, o que contribui drasticamente para a falta de trabalhos científicos dentro da ciência geográfica, em especial, aqueles que abordam a temática da prostituição travesti.

A pauta da territorialidade exercida por essas sujeitas, visa chamar a atenção justamente para as estratégias espaciais que permitem a apropriação, e manutenção de seus referidos territórios, assim como também destaca a sua identidade territorial. As travestis são sujeitas que formam territórios na cidade, mas que ainda são tratadas como despercebidas pela população ao seu redor.

Tratando, pois, dos objetivos desta pesquisa, destaquemos como objetivo geral: analisar a organização e territorialidade exercida por travestis, onde as mesmas atuam na atividade comercial da prostituição, isto em espaços públicos ou coletivos, que são territorializados.

E como objetivos específicos: identificar a existência de zonas, onde essas sujeitas exercem essas referidas territorialidades, na cidade de Santarém/PA. Além de compreender as dinâmicas socioeconômicas que sustentem as razões pelas quais esses determinados espaços são selecionados para a atividade desses grupos.

A pesquisa fora realizada na cidade de Santarém, onde foram localizados espaços já conhecidos por parte da população que são esporadicamente utilizados

para a prática da prostituição. Durante a pesquisa pôde ser notado que essas territorialidades não são estabelecidas de forma perene, podendo as mesmas estarem condicionadas a determinados contextos que possam dificultar suas atividades nos espaços em questão.

Para a melhor compreensão, o trabalho fora dividido em três partes/capítulos.

No primeiro abordamos a compreensão dessas sujeitas e como são enxergadas – ou não pela sociedade. Onde a categoria gênero se faz de grande importância, pois assim entende-se as dissonâncias entre identidade e corpo, a qual essas sujeitas podem ser encaixadas. Também discutimos a categoria principal, sob a qual a problemática da pesquisa se pauta, que é o território, tendo em vista que a atividade da prostituição se entende por divisões e gestões de um espaço, que vem a ser territorializado.

Aportando no segundo capítulo, traremos os procedimentos e os aportes teóricos conceituais que nos permitem compreender a prostituição realizada especificamente por travestis. Esse capítulo está estruturado a partir de pesquisas realizadas por outros autores, dentro da própria ciência geográfica, complementado com as atividades em campo que foram essenciais para as observações que determinaram os rumos da pesquisa.

Ainda na mesma seção, também é apresentado um conjunto de dados importantes para entendermos as diásporas que envolvem as travestis são específicas para esse grupo. A partir daí, foi possível compreender as razões pelas quais esse grupo ainda se encontra condicionado a prática da prostituição, como alternativa para sua existência. Também compreendemos que as travestis estão sujeitadas a condições excludentes e violentas em diferentes espaços, estando constantemente invisibilizadas, pois, podem estar com sua circulação restrita aos espaços de prostituição, e muitas vezes ainda estão com suas existências ameaçadas.

Ao final traremos a análise sobre as territorialidades da prostituição travesti em Santarém/PA, entendendo como essa atividade se estabelece em determinados espaços, e quais as configurações da paisagem corroboram para as práticas territoriais desse grupo naquela localidade. Também foi possível compreender na prática, que esses territórios são móveis e instáveis, podendo não estar materializados nesses espaços constantemente, sendo assim aberta uma hipótese

de que essas travestis podem exercer suas atividades em outras localidades, cujas condições ali presentes podem contribuir para as mesmas.

A ausência de debates e demais conhecimentos sobre as múltiplas sexualidades, e neste caso, expressões identitárias, contribui para a continuidade dos processos excludentes, às realidades das pessoas condicionadas a estes aspectos humanos. Nesse sentido, promover a realização deste trabalho, reforça a necessidade do debate dentro e fora dos muros da Universidade, de forma que os anseios e as realidades de pessoas transgêneros e marginalizadas, possam propor conhecimento mais abrangente, proporcionando um olhar mais sensível para a compreensão das razões pelas quais muitas dessas pessoas acabam sendo levadas à busca de meios não tão humanizados para exercerem sua existência. Assim, essa pesquisa busca entender como se dão as territorialidades, vivências, trajetórias e anseios de travestis, também nos ajudando a evitar negligências e segregações estruturais ao lidar com as conquistas por ocupar espaços tão almejados.

Como futuros profissionais da educação, entender sobre as diversidades, colabora para que possamos evitar a perpetuação de um sistema excludente, que contribui para as baixas expectativas de vida, em um país que é líder em crimes cometidos contra população LGBTQ+, especialmente travesti.

## **CAPÍTULO 1: O SER TRAVESTI E O TERRITÓRIO**

Nesta primeira etapa da pesquisa, promovemos algumas discussões sobre as condições que permeiam as existências das travestis; e por meio do diálogo entre diferentes autores, buscaremos entender a importância do território nas atividades que esses grupos praticam em espaços abertos como alternativa de suas sobrevivências.

### **1.1. A proposta de pesquisa: abjetas de estudo**

A discussão em torno de temas tidos como complexos, tais como gênero e sexualidades, é relativamente nova no âmbito da ciência geográfica, e, portanto, ainda carece de maior amplitude em distintos contextos que não se resumem apenas ao acadêmico. A importância dos estudos em torno de tais vertentes de análise se dá, pois assim podemos compreender as mais diversas relações de poder estabelecidas entre sujeitos marginalizados e excluídos e o espaço que ocupam, e eventualmente territorializam.

Dessa maneira, a pesquisa traz como foco, uma reflexão a fim de compreender como se dão as relações que permeiam a atividade comercial da prostituição em Santarém/PA. Tendo em vista que a prostituição ocorre de distintas formas, a depender da localidade que será analisada, mas que se estabelece enquanto atividade por meio de espaços concretos, ou não, que acabam por serem territorializadas. Porém, essa atividade aqui analisada, apresenta enfoque numa “categoria social”<sup>2</sup> (que abordaremos como “grupo”) envolta de diásporas que permeiam o seu existir: as travestis. Apresentamos a compreensão de seu papel perante a sociedade, que visa asfixiar suas respectivas existências e negar as suas identidades.

Diante de poucas análises das atividades desenvolvidas sobre esse grupo na ciência geográfica, e tendo em vista a abordagem que apresentamos nessa pesquisa, utilizamos Ornat e Silva (apud Butler 2014), que define as travestis como ‘abjetas’, sujeitas que são desconsideradas socialmente, provocando o

---

<sup>2</sup> Uma categoria social é um conceito utilizado nas ciências sociais para descrever grupos de pessoas que compartilham características ou experiências semelhantes e que, portanto, podem ser analisadas como uma unidade dentro de uma sociedade. Essas características podem incluir aspectos como classe social, gênero, etnia, religião, orientação sexual, idade, ocupação, status socioeconômico, entre outros.

questionamento da matriz da produção de seus corpos e seus significados sociais; as travestis nesse sentido acabam por causar repulsa por parte de uma sociedade heteronormativa. Podemos então, entender o grupo de travestis como um coletivo inserido na sociedade, porém de maneira invisibilizada e subalterna, que tendem a romper com ideais sociais categóricos de masculino e feminino. Ao acessar o termo “travesti” expõem-se a afirmação de Silva, (2008), caracterizando e diferenciando dos demais como aquele que se identifica com o gênero oposto e altera a configuração de seu corpo:

O termo travesti significa e nomeia os seres humanos que possuem um corpo biologicamente masculino, e identidade de gênero feminina. Para atingir o ideal da aparência do gênero adotado, essas pessoas tomam hormônios femininos, usam silicoes e realizam outras várias transformações corporais para poder manter e representar sua identidade. (SILVA, 2008, p. 2)

A categorização do ser travesti se faz necessária para que possamos compreender, mesmo que minimamente, as complexidades em torno do que são, e como podem chegar a exercer a atividade comercial da prostituição a partir de seus corpos. Há polêmicas em torno da definição de pessoas que não se enquadram nos polos masculino e feminino previamente estabelecidos num campo político, científico e social (ORNAT 2008). Partindo do pressuposto de que essas sujeitas acabam por romper com arquétipos comportamentais, entende-se que majoritariamente podem receber a negação como resposta vinda daqueles que as cercam. Locais como casa e escola se tornam, por consequência, ambientes hostis e degradantes, o que desencadeia outros problemas escalonados como evasão escolar e domiciliar; em concordância com obras analisadas para a pesquisa, essas adversidades podem ser exemplificadas conforme relatado abaixo:

Depois que eu perdi minha mãe, eu tentei assumir o que eu era perante minha família, meu pai, meus irmãos, e como resultado fui escorraçada de casa. Eu tive que estudar em colégio de padre, de homenzinho, sempre fui homenzinho, eu nunca mostrei que era gay, ou alguma coisa assim. Acho que, se a minha mãe estivesse viva, e se eu tivesse o apoio da minha família, eu não teria caído na prostituição, e talvez nem me tornado uma travesti. Eu acho que em uma família conservadora, eu ia ficar reprimida e guardada, sendo apenas um gay. Mas depois que eu fui expulsa de casa, eu não iria matar, eu não iria roubar, eu não iria vender drogas. Minha escolha foi vender meu corpo e me assumir [...]. (SILVA, ORNAT e CHIMIN, 2013, p. 28).

E a partir de seguidas evasões, e distantes de uma realidade confortável de um núcleo familiar, ou ainda da possibilidade de estudo e trabalho, as ruas acabam

por configurar o espaço que essas travestis utilizam para exercer sua identidade e auferir renda financeira; no depoimento a seguir, é possível compreender as dificuldades sentidas por essas sujeitas:

Se hoje eu vivo da prostituição, mais da metade é porque eu não pude estudar como eu queria. Eu não queria fazer programa, eu queria trabalhar. Existiram fases na minha vida, quando eu era mais nova, que eu estava feliz na prostituição. Mas hoje eu não estou feliz, eu queria ter trabalhado. Mas por que eu não estudei? Entre ter preocupação em tirar notas boas, ou matar a última aula para não apanhar na saída, eu matava a última aula. (SILVA, ORNAT e CHIMIN, 2013, p. 40).

Ao experienciar a violência em diversos âmbitos, aliada à falta de oportunidades de melhor estudo e trabalho, é nas ruas que essas sujeitas se veem empurradas e forçadas a situações degradantes para obterem algum tipo de renda, possibilitando a sobrevivência. Essas realidades sem alternativas evidenciadas através das falas das travestis são importantes para que se possa entender as diferentes escalas que envolvem as práticas a que estão condicionadas essas travestis, como bem tratado na seguinte fala:

Para uma travesti, a única escolha que ela tem, dependendo do lugar em que ela se assume, é a prostituição. A sociedade joga a travesti para a prostituição. [...] Tive que me acostumar com a prostituição, pois precisava do dinheiro que vinha dela. (SILVA, ORNAT e CHIMIN, 2013, p. 63).

Tendo em vista a complexidade categórica em relação às travestis, as análises de gênero também nos norteiam diante do entendimento acerca das relações sociais. Estas são pactuadas por meio de conjunto de valores e padrões comportamentais pré-estabelecidos, que tornam dissonantes e subversivos, aqueles sujeitos que não seguem o padrão de comportamento linear entre masculino e feminino.

Aquelas, que transgridem a norma, acabam sendo submetidos a punições constituídas por meio de estratégias eficazes, que empurram essas sujeitas justamente para as margens, onde são estruturalmente negligenciadas. Obviamente, de um ponto de vista da legalidade, a punição física não pode mais ser exercida nesse caso, mas isso não quer dizer que a mesma não exista contra essas sujeitas.

O Observatório de Mortes e Violência LGBTI+ No Brasil, de acordo com dados obtidos no ano de 2022, aponta que 58% das mortes dessa população, foi de travestis ou mulheres transexuais, o que corresponde a um total de 159 mortes (OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL, 2023). Numa

perspectiva mais ampla, esses números podem ser ainda maiores, devido a carência de informações mais específicas que são desconhecidas, com relação a população travesti.

Aqui a categoria gênero faz-se de suma importância, sob a perspectiva dos distintos papéis sociais que as sujeitas, foco dessa pesquisa, exercem perante a sociedade.

A linearidade entre sexo, gênero e desejo sexual é uma característica comum da sociedade ocidental contemporânea que procura a todo custo manter explicações da ordem heterossexual baseadas na natureza dos corpos e comportamentos. Sob essa perspectiva os sujeitos que não correspondem aos padrões estabelecidos são considerados desviantes, doentes e outros tantos qualificativos criados para classificar a sociedade e manter sua pretensa ordem natural. (ORNAT 2008, p. 41).

No trecho citado, Ornat (2008), nos norteia pelos caminhos que corroboram para a exclusão de travestis do convívio coletivo em sociedade, a partir da imposição sociocultural de valores majoritariamente vindos de concepções religiosas, em especial da tradição judaico-cristã sobre o corpo feminino e masculino.

Também somos instigados pelo pensamento de Silva (2008), sobre como certos corpos são marcados como sendo diferentes ou marginais, e também sendo associados com localidades particulares, ao passo que corpos tidos como normais ou considerados dentro dos padrões heteronormativos, podem se fazer onipresentes e desenvolver quaisquer espacialidades. Linha de pensamento esta, que nos leva a refletir sobre o desconhecimento da existência desses corpos e a falta de detalhes mais específicos, sobre quais condições as travestis, que executam a atividade de prostituição nas ruas, estão sujeitas. É comum que elas circulem pela cidade somente à noite, período mais associado às práticas sexuais comerciais, que a maioria delas está praticamente condenada socialmente a exercer (SILVA, 2008).

Nessa perspectiva, o espaço passa a ser uma importante categoria para se compreender os processos de territorialidade e construção dos territórios (pontos) dessas sujeitas. A geografia estabelece relação íntima de responder a essa referência de territórios das travestis, de forma simbólica, material e imaterial, para os lugares que as fazem sentir-se familiarizadas ou não, espaços delimitados controlados, de disputas territoriais, marginalizadas e segregacionistas.

Portanto, o gênero, de acordo com Silva (2008), é compreendido para além da mera representação de papéis a serem desempenhados por corpos de homens e

mulheres, sob a hegemonia da heteronormatividade, sendo uma complexidade permanentemente aberta. Assim, gênero é uma representação que é vivenciada pelas performances dos sujeitos sociais, que a experienciam através da vivência espacial, cotidiana e concreta.

## **1.2. O território enquanto essência para a identidade**

Para as travestis, o território se estabelece como parte de suas identidades, visto que é ali que ambas se materializam, e estabelecem suas redes. A complexidade aqui se estabelece a partir do sentimento de pertença, dado ao vínculo criado com o espaço territorializado. As análises acerca do território de prostituição vêm gerado discussões enquanto objetos de estudos em diferentes áreas do conhecimento dentro do âmbito das ciências humanas, porém dentro da ciência geográfica, ainda há uma significativa carência nessas análises.

As análises conceituais da categoria território, têm se constituído como alvo nos estudos da ciência geográfica, ainda que majoritariamente essa categoria direcione o pensamento para o território enquanto Estado-Nação. Aqui se faz necessário lembrar de território no pensamento de Haesbaert (2004) em um de seus recortes polissêmicos de análise: o do Território Cultural, enquanto uma apropriação e valorização simbólica de determinada porção do espaço.

Enquanto a economia globalizada torna os espaços muito mais fluidos, a cultura, a identidade, muitas vezes re-situa os indivíduos em micro ou mesmo mesoespaços (regiões, nações) em trono dos quais eles se agregam na defesa de suas especificidades históricos-sociais e geográficos. [...] A exclusão social que tende a dissolver os laços territoriais acaba em vários momentos tendo o efeito contrário: as dificuldades cotidianas pela sobrevivência material levam muitos grupos a se aglutinarem em torno de ideologias e mesmo de espaços mais fechados visando assegurar a manutenção de sua identidade cultural, último refúgio na luta por preservar um mínimo de dignidade (HAESBAERT, 2004, p. 92).

Através da citação precedente é possível notar, como Haesbaert nos instiga sobre múltiplas situações que ocorrem na sociedade, que por ventura colaboram para práticas excludentes de diversos sujeitos em suas mais variadas condições de existências, porém, é justamente através de suas similaridades em processos de marginalização, que muitos se correlacionam. No caso específico deste trabalho, somos levados a ponderar sobre as sujeitas aqui focadas, travestis de dados contextos, acabam em sua coletividade, construindo uma identidade territorial,

justamente em busca da materialização de suas identidades, bem como de suas dignidades ao existir.

Este pensamento se conecta ao pensamento de Souza (2001), onde o autor afirma que essa ocupação seria criadora de raízes e identidades. Seguindo a linha de pensamento do autor, o território advém da geografia política, como um espaço concreto, que vem a ser apropriado por um grupo social, como no caso referido, o de coletivo de travestis.

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto. (SOUZA, 2001, p. 84).

Tanto Haesbaert (2004), quanto Souza (2001), nos ajudam a compreender a importância desses territórios instituídos no que se refere à concretização das identidades das travestis, mesmo que, a um primeiro ponto, essas territorialidades sejam pensadas especificamente para as atividades econômicas das referidas sujeitas.

Essa apropriação, também estabelece uma delimitação de fronteiras, distinguindo os que estão dentro e os que estão fora do espaço a ser territorializado. Ornat (2010) utiliza o termo território paradoxal, para abordar esse jogo social de relações entre insider/outsider que envolve as travestis e os clientes, em suas análises sobre territórios instituídos no sul do país.

Aqui se faz um importante ponto de análise, sobre as disposições territoriais nos espaços onde ocorra a atividade comercial da prostituição, que é justamente a remodelação de sua configuração visual, atendendo a um compilado estético que acaba por viabilizar e contribuir para as atividades que ali estão dispostas a ocorrer, como relatado por Souza (2001):

[...] Esses territórios, comumente encontrados naqueles locais próximos aos *Central Business District* (CBD), que se convencionou chamar de *blighted áreas*, áreas de obsolescência ou “espaços deteriorados” muitas vezes são “apropriados” pelo respectivo grupo apenas à noite. Durante o dia as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, típico do movimento diurno das áreas de obsolescência: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais, escritórios de baixo status e pequenas oficinas, além de moradores das imediações. Quando a noite chega, porém, as lojas, com exceção dos bares e *night clubs* estão fechadas, e os transeuntes diurnos, como trabalhadores “normais”, pessoas fazendo compras e os residentes do tipo que a moral dominante costuma identificar como “decentes”, cedem lugar a outra categoria de

frequentadores, como prostitutas (ou travestis ou ainda rapazes de programa), fazendo trottoir nas calçadas e entretendo seus clientes em hotéis de alta rotatividade. [...] (SOUZA, 2001, p. 87-88. Grifos do autor)

O trecho citado, também nos norteia, para além da remodelação espacial; sobre a escolha dessas dependências visando à instauração de zonas de prostituição. Espaços configurando determinadas estruturas econômicas em determinado período, dentro de um recorte temporal; que permitem a referida reconfiguração espacial e visual que venha a corroborar para a “nova atividade econômica”, a ser desempenhada diante do novo contexto.

Contudo, é importante que estejamos atentos para o fato de que os territórios, instituídos para a finalidade da atividade comercial da prostituição, podem não ser fixos, mas móveis, isso é, funcionam de acordo com as determinadas conjunturas que possam vir a se estabelecer em seus limites e arredores.

Os territórios da prostituição são bastante “flutuantes” ou “móveis”. Os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças; a criação da identidade territorial é apenas relativa, digamos mais propriamente funcional que afetiva. O que não significa, em absoluto, que “pontos” não sejam as vezes intensamente disputados, podendo a disputa desembocarem choques entre grupos rivais[...]. (SOUZA, 2001, p. 88).

Souza nos leva a refletir sobre dois pontos muito importantes quando falamos sobre esse tipo de territorialização: a primeira, sobre a maleabilidade que os mesmos constituem, podendo não estarem limitados a aquele espaço específico. A atividade de prostituição dentro de suas complexidades, também acaba por se conectar a outros meios longe da legalidade, principalmente o uso de drogas. Estando submetidas a longas jornadas de trabalho, é a substâncias ilícitas que muitas travestis recorrem para suportar todo o período em exposição durante suas atividades laborais. No próximo relato, é possível entender, mesmo que de modo superficial, as relações que são estabelecidas entre algumas travestis, e como as demandas de seus trabalhos acabam por se alinharem à utilização de entorpecentes:

Naquela época as travestis mais velhas pressionavam as travestis mais novas para se prostituir e para comprar droga, para comprar “bola”. A “bola” é o moderador de apetite para emagrecer. Então eu tomava muita “bola”, que lá no Rio Grande do Sul é um frio muito intenso. Para ir para a batalha a gente tomava uma dose de “paulista”, que é tipo uma cachaça ou conhaque bem concentrado. Nós tomávamos esta bebida junto com a “bola”. As duas coisas juntas davam aquele pancadão, e a gente ficava de dez a doze horas ligadas, sem precisar cheirar cocaína. A gente cheirava

cocaína, porque naquele tempo era só cocaína, a gente cheirava e já passava. Com a bola, não, a gente tomava e ficava doze horas chapada para enfrentar o frio da rua. (SILVA, ORNAT e CHIMIN, 2013, p. 30)

Ações de policiamento ocorrem para estabelecer a 'ordem' e segurança, levando essas sujeitas a se territorializarem em espaços alternativos, onde possam cumprir com suas batalhas. Essas ações sustentam o fato acerca da mobilidade desses territórios, de acordo com as circunstâncias que possam vir a surgir, forçando essas pessoas a procurarem outro espaço, que possa vir a ser territorializado.

Outro destaque a ser observado é justamente sobre uma característica muito forte ligada ao território: o poder. A prostituição travesti é uma atividade estritamente vinculada ao território e sua gerência está sujeita a aquisição ou perda de poder, dentre uma travesti mais velha para uma mais nova, por exemplo, ou ainda, se essa gerência esteja sendo administrada por outra pessoa, para além da prostituição.

As disputas territoriais com outros grupos de travestis e, inclusive, com grupos de prostitutas mulheres, também são realidades a serem pensadas na gestão territorial, que se configura principalmente nas grandes cidades. Nesse âmbito, Ornat e Silva (2014), traduzem essa questão que pode vir a gerar disputas, a partir da motivação pelas quais essas sujeitas são procuradas para as práticas da prostituição:

Há algumas especificidades na prostituição travesti que se diferem da prostituição feminina, por exemplo. As travestis são seres que contradizem o padrão linear entre sexo, gênero e desejo e aqueles que procuram seus serviços, na sua grande maioria homens, costumam guardar mais sigilo do que se mantivessem relações com prostitutas mulheres. Isso porque manter relações sexuais com uma pessoa que, apesar da aparência feminina, possui um pênis, pode macular a imagem viril de masculinidade do cliente. O fato do grupo apresentar a especificidade de ser dissonante do padrão heteronormativo, há uma trajetória de exclusão e discriminação ao longo de suas vidas, desde a mais tenra infância até a fase adulta. (ORNAT; SILVA, 2014, p. 116).

Como citado anteriormente, os territórios que são apropriados por grupos de travestis, podem não se limitar a uma única localidade, visto que o mesmo obedece a um conjunto de padrões estéticos e sociais que corroboram com a atividade ali instituída. Essas instabilidades, quanto aos locais a serem apropriados, podem desencadear um deslocamento forçado dessas sujeitas para outras localidades, onde possam exercer suas respectivas atividades. Desse modo, é inevitável que

haja conexão entre os mais distintos espaços, e as distintas sujeitas, formando uma rede que permeia as mais diversas conjunturas instauradas, garantindo a existência e renda do grupo focal da pesquisa.

Para as travestis, o estabelecimento de uma rede é de suma importância, visto que dentro de normativas de caráter social, a materialização de suas existências é empurrada para os territórios onde executam a atividade de prostituição.

O estabelecimento de territórios para a finalidade de prostituição requer gerência entre seus membros sociais, e essas gestões podem variar de acordo com cada caso analisado. De qualquer forma, a partir da compreensão de Ornat e Silva (2014), o território e suas fronteiras delimitadoras, são reflexo e condição das relações de poder das quais foram produzidas, sendo forjado em situações particulares, e projetando-se para fins estabelecidos.

De acordo com Ornat (2008), os territórios instituídos por coletivos de travestis podem sustentar o paradigma de ser uma única alternativa palpável de sustento e sobrevivência, ao passo que também se torna uma importante ferramenta no processo de materialização de identidade dessas sujeitas, nos espaços a que estão dispostas.

Entendemos o território como uma peça chave e fundamental na construção de uma identidade travesti, bem como um aparato de suma importância no processo de existência dessas sujeitas, diante de uma série de fatores sociais que as empurram para esse tipo de vivência.

É interessante apontar que, assim como muitas atividades comerciais, ou que venham a envolver um aspecto financeiro, a atividade de prostituição, para além do gênero em questão, também acompanha os processos de evolução tecnológica e de comunicação virtual. O que nos instiga a refletir sobre a atuação dessas sujeitas em ambientes virtuais, viabilizando suas respectivas rendas, longe de uma espacialidade física, e por consequência, mais exposta a violência e demais adversidades que se fizerem reflexíveis. Salientamos que, no a partir do meio virtual, as mesmas podem estar condicionadas a serem atraídas para falsos programas.

Desse modo, o território pode vir a se tornar móvel e/ou flexível, não somente a partir de uma conjuntura interdita, em um determinado espaço territorializado fisicamente, mas também, por conta do acesso que essas sujeitas podem conseguir por meio da internet.

A discussão sobre o território nos ajuda a complementar o entendimento deste fenômeno: a ideia de território descontínuo paradoxal. De acordo com Ornat e Silva (2014), é ideal que entendamos a atividade da prostituição travesti por meio do território, mas o fato como tratado até o momento, é que diversos fatores corroboram para as mais distintas formas de flexibilidade destes territórios. Estes são instituídos por difusas e instáveis relações de poder, exercidas de forma multiescalar, gerando assim, a plurilocalização dos diversos atores que reivindicam para si o direito ao espaço.

Os deslocamentos entre diversos locais desenvolvidos pelas travestis na atividade de prostituição conectam espaços, formando redes com diversos padrões de vínculos de diversas naturezas Ornat e Silva (2014). Essas sujeitas imersas nessas atividades, muitas das vezes acabam por envolverem-se em condutas criminalizadas, como a utilização de drogas. Desse modo, diante de possíveis patrulhamentos policiais, a existência de espaços alternativos onde as mesmas possam exercer suas respectivas territorialidades, acaba por ser de fundamental importância para a continuidade de suas atividades comerciais.

As trajetórias de muitas dessas sujeitas são marcadas por sofrimento, dor e exclusão, fazendo com que muitas delas recorram a comportamentos mais repulsivos em suas vidas, de maneira que possam defender-se de prováveis ações violentas advindas de sujeitos externos às suas vivências diárias, ou ainda de outros grupos que estejam inseridos nas análises acerca da prostituição. Dessa forma, a posse de forma mais agressiva é uma forte característica presente nos processos de territorialização dessas sujeitas, de maneira que possam ser transparecidas enquanto donas daquele espaço territorializado.

Trazendo uma contribuição sobre os territórios de prostituição, Ribeiro e Mattos (2002) afirmam:

Conceitua-se os territórios da prostituição como apropriação, durante certo período de tempo de uma rua ou um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, michês e travestis, que através de uma rede de relações da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade estruturada, outrossim, através da violência explícita, principalmente entre as prostitutas e os travestis que utilizam, entre outros, objetos cortantes para defender seus “pontos” contra aqueles que tentam invadi-los. (p. 94).

Através desta breve conceituação, podemos compreender não somente o território em si, bem como fazer uma breve conexão com o pensamento de Souza (2001), em sua análise em volta dos territórios flexíveis. Além de tudo, também somos levados a um vislumbre da legitimidade de ações de sujeitas travestis, nas buscas da materialização de seus pontos de batalhas, transparecendo vertentes das relações de poder, que se dão nas lutas pelos mesmos.

Diante de tantos nuances, somos levados a evidenciar as categorias território e territorialidade como chaves essenciais para a compreensão das problemáticas em torno dos espaços usados para a prostituição, principalmente em grandes cidades, onde esses espaços são geralmente abertos, características próprias da prostituição praticada por sujeitas travestis.

## **CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS DE PESQUISA E APORTES TEÓRICOS CONCEITUAIS DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI**

Neste capítulo, faremos discussões sobre os procedimentos desenvolvidos nesta pesquisa, em diálogo com outros trabalhos realizados de análise à prostituição, contribuindo para a compreensão teórica direcionada a este grupo, atuantes em cidades.

### **2.1. Aplicação dos aportes teóricos sobre a prostituição travesti em Santarém/PA**

Mesmo que os trabalhos acerca da temática da prostituição de travestis sejam insuficientes, as discussões desenvolvidas sobre os procedimentos de abordagem e os aportes teóricos utilizados contribuíram para as reflexões sobre o grupo a ser analisado. Compreender essas metodologias possibilitou melhor analisar a realidade vivida por travestis no objeto empírico investigado.

A proposta de investigação dessa pesquisa surge a partir de trabalho realizado, como parte avaliativa da disciplina Geografia Cultural, onde de fato, houve o primeiro contato entre pesquisador e o tema a ser analisado.

Para realizar a presente pesquisa, foi realizado o levantamento de informações bibliográficas para servir de fundamentação teórica e para nortear as atividades em campo, necessário para adquirir o conhecimento a respeito da realidade dos territórios de prostituição travesti, em áreas específicas da cidade de Santarém/PA.

Como as referências na área específica de prostituição travesti são bastante restritas, buscou-se bibliografias que além de discutirem a prostituição, também abarcassem algumas reflexões sobre território, territorialidade, identidade de gênero, enfatizando as vivências dessas sujeitas até as batalhas nas ruas.

A área principal delimitada para estudo, foi um trecho da rodovia Santarém – Cuiabá, BR-163, onde foi definido, com a pesquisa em campo, o território de prostituição travesti. Através de idas a campo, pode ser notada a possibilidade de pontos espalhados pela cidade de Santarém de prostituição envolvendo travestis. Porém, a escolha da área específica da cidade deve-se, sobretudo porque engloba uma série de fatores que corroboram as atividades de prostituição, que serão abordadas mais à frente.

Com o embasamento teórico definido, a pesquisa fora retomada em janeiro de 2024 a partir do método hipotético dedutivo, sem o contato direto com as sujeitas focais das análises, que serão aqui pautadas. Como abordado no primeiro capítulo, as discussões sobre a temática da prostituição, realizada por travestis, ainda é escassa na ciência geográfica, devido, talvez, às complexidades envoltas ao tema.

A pesquisa busca compreender a prostituição realizada pelas travestis a partir de suas múltiplas territorialidades, muito embora essa territorialidade se demonstre de forma homogênea, ela é diversificada, de forma que não serão generalizadas as informações obtidas.

A problemática aqui retratada gira em torno de territorialidades executadas por travestis na cidade de Santarém, porção oeste do estado do Pará. Destacamos aqui, as territorialidades exercidas por travestis em trecho muito específico da BR-163, que liga a cidade já mencionada à Cuiabá, no estado do Mato Grosso.

Importantes observações para o incremento deste trabalho foram realizadas em campo, entre os dias 17 e 20 de março em 2024, onde pode ser analisado importantes dinâmicas sociais que venham corroborar para a existência da situação estudada ao longo dos espaços que são territorializados por travestis, na área que se entende por zona urbana de Santarém. Por se tratar de cidade de médio porte, a espacialidade que foi observada se localiza afastada da área central da cidade, todavia, em um setor de muita circulação veicular, seja em conexão com outras localidades na própria cidade, como também para outras localidades. O marco arquitetônico na qual as observações giram em torno, é o único viaduto localizado na cidade (Figura 1). As ações dessas sujeitas nestes entornos são corroboradas por um padrão de configurações comerciais que ali se instauram. Além do alto fluxo de veículos, por ali se encontra uma forte rede de serviços, inclusive o terminal rodoviário do município, e uma rede hoteleira de médio a baixo custo.

**Figura 1** – Viaduto de Santarém, espaço utilizado para territorialização com fins de prostituição travesti em Santarém/PA.



**Fonte:** Tapajós Notícias, 2022.

Considerando as conjunturas que se desenvolvem em determinados espaços, em determinados períodos de tempo, é notável levar em conta que essas territorialidades não se esgotam somente no local citado, visto que esses territórios informais podem se dissolver de acordo com as necessidades das sujeitas, indicando uma rede de territórios flexíveis, como tratado por Souza (2001).

Os espaços apropriados pelas travestis não se esgotam no viaduto. As travestis dependem de mobilidade nos diferentes espaços ao longo da BR-163 da área urbana de Santarém, contudo, o local de maior territorialidade é o viaduto. Nesse âmbito, e sustentados pelas observações de Souza (2001), outra localidade estratégica, levando em conta os parâmetros de estabelecimento dessas territorialidades, fica nos entornos do complexo terminal hidroviário de Santarém, situado no bairro Prainha, inaugurado em 2022 (Figura 2).

Tal qual ocorre no viaduto, nas proximidades do terminal hidroviário está carregado de complementos ao seu redor, que acabam por promover certa facilidade para o estabelecimento de territórios flexíveis. Além do grande fluxo de passageiros em viagem ou trânsito, o bairro Prainha não possui significativa linha de iluminação pública nas vias principais, e recebeu nos últimos tempos, uma grande quantidade de caminhoneiros, estes advindos de diversas partes do país.

Diante das observações realizadas em campo, vislumbramos a facilidade com a qual os transeuntes, presentes nas vias que compõem esses espaços que são territorializados, observam meticulosamente quem por aí esteja. Incontáveis acenos,

ou gesticulações sonoras e corpóreas foram contabilizados durante as observações em campo, seja por motoqueiros, caminhoneiros, ou demais motorista que pelos arredores passavam, apresentando um forte indicativo das atividades que nesses espaços são estabelecidas em alguns horários.

**Figura 2 – Terminal Hidroviário de Santarém/PA.**



Fonte: G1 Santarém e Região, 2023

Dentre os autores que ajudaram a nortear os rumos desta pesquisa, podemos citar Souza (2001), Ornat (2008) e Silva (2008). É importante destacar que os trabalhos realizados por estes autores citados não só corroboraram para o entendimento do tema em si, como os procedimentos investigativos nortearam caminhos, puderam ajudar no entendimento da relação entre as travestis e o espaço, que se territorializam nas atividades de prostituição.

Uma pesquisa importante realizada no Brasil, mais especificamente no eixo sul do país, tratando da prostituição efetivada por grupos de travestis, foi a de Ornat (2008), que foi definida como exploratória, descritiva e qualitativa.

Ornat (2008) efetivou a pesquisa na ciência geográfica, seus meios de observação contribuem para compreender a realidade das travestis, abarcando não somente essas sujeitas, como também os seus clientes que tem frequência assídua nesse tipo de ambiente.

A experiência espacial das travestis desenvolve-se marcadamente por interdições e práticas de apropriação de determinados espaços do urbano por um período de tempo. É nesses espaços apropriados que elas conseguem impor condutas consensuais no grupo, e desta forma, instituem os territórios da prostituição travesti. É apenas na prática da prostituição que elas conseguem um tipo de organização grupal capaz de ser reconhecida e identificada socialmente. (ORNAT, 2008, p. 50).

É notável na pesquisa de Ornat (2008), o estudo do grupo e as relações com outros agentes envolvidos. Assim, ao estudar essa realidade de prostituição, é necessário estar atento aos atores que também se envolvem direta e indiretamente no apoio a esse tipo de atividade.

Ornat (2008), ao trabalhar com travestis em situação de prostituição, aborda essas atividades em localidades abertas como ruas, avenidas ou praças. Nesses aspectos, o autor se depara com diásporas sobre as sujeitas que centram a pesquisa dele proposta, detectando espaços de interdição e acolhida. Outro importante ponto de destaque é quando Ornat (2008) dialoga com Souza (2001, p. 87), ao analisar o espaço onde ocorrem as territorializações, essas sendo entendidas como complementos de um território móvel ou flexível. Nas atividades *in loco* foi possível compreender de forma concreta as observações de Ornat sobre esses espaços escolhidos para essas atividades:

O local que hoje é o território travesti foi escolhido devido às suas características peculiares: pouca circulação de carros familiares nos horários em que as travestis estão trabalhando, vias com acentuada passagem de pessoas que cruzam a cidade, ou pela cidade, e área em sua maioria comercial. (ORNAT, 2008, p.50).

Portanto, a partir de Ornat (2008), concordamos com Souza (2001), acerca das localizações mais comuns desses territórios em cidades, e que também se confirmam em sua essência em Santarém, dada a configuração espacial onde se assentam essas territorialidades, ainda que de forma temporária.

As prostitutas travestis, por diversos fatores ao longo de suas jornadas de vida, possuem personalidades múltiplas, resultantes das muitas experiências pessoais, que advém, também, de suas localidades de trabalho. É sabido que em seus coletivos, há organização hierárquica e territorial, baseada em coletividades para gestão de seus respectivos territórios. Contudo tratando de pesquisas voltadas a temática da prostituição, especificamente efetuadas por travestis, a aproximação com as sujeitas, foco dessa pesquisa, tornou-se inviável nesse momento, devido ao difícil acesso a elas, já que não haveria forma de contribuir com o seu sustento, ou seja, t são reclusas com quem não seja cliente de seus serviços.

Portanto, o cerne da discussão em torno deste trabalho, realizou-se pesquisa observatória, dada a complexidade e os obstáculos de se realizarem encontro com as travestis, o que inclusive corrobora com o título da monografia, da invisibilidade dessas sujeitas nos seus espaços de trabalho.

Importante também pontuar que, mesmo em suas localidades mais conhecidas de territorialização, há dificuldade de verificar a execução de suas atividades, dado este que confirma em prática as análises de Souza (2001), quando o autor aborda os distintos espaços, onde há a prática de territorialidades flexíveis.

Os territórios de prostituição são bastante flutuantes ou móveis. Os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre os espaços concreto das ruas, becos e praças; a criação de identidade territorial é apenas relativa, digamos mais propriamente funcional que afetiva (SOUZA, 2001, p. 88).

Fica subentendido que os espaços públicos onde ocorre a prostituição, por serem instáveis ou móveis, nem sempre estarão mostrando aquela realidade de fato, ou mostram apenas algumas nuances daquela situação, pois essas territorialidades funcionam de maneira diversificada, podendo variar os horários e os dias da semana. Além disso, a observação *in loco* proporcionou significativa contribuição para compreender o funcionamento desses territórios, ao vislumbrar os locais que essas sujeitas estão imersas, favorecendo o entendimento de realidades, não descritas na literatura.

Portanto, as estratégias e discussões dos procedimentos de pesquisa apresentados, possibilitaram estabelecer o diálogo com outras pesquisas, que tinham a proposta de estudar o território de grupos urbanos, especialmente os de prostituição, independentemente do tipo de profissional do sexo, sejam prostitutas, travestis ou garotos de programa.

Entre os dias selecionados para a observação em campo, foram avistadas três sujeitas em seus locais de atuação. Constatamos que, apesar da baixa frequência com que são vistas, ainda permanecem “batalhando” pelas suas respectivas subsistências, nos espaços em que se territorializam. A decisão de não haver aproximação com as sujeitas em seus locais de atuação, foi tomada ainda no planejamento das atividades, levando em conta o tempo necessário para quaisquer mediações, além de garantir a integridade do pesquisador, dada a possibilidade de atrapalhar as travestis em suas respectivas lidas.

## **2.2. Problemáticas quanto ao existir de travestis no Brasil; a prostituição como recurso**

A prostituição de travestis, numa compreensão abrangente, se tornou uma atividade elementar, ainda que repleta de paradigmas, tendem a fundar as identidades desse grupo. Portanto, é uma atividade que, segundo Garcia (2008), vai para além das identidades sexuais ou de gênero, mas também, uma identidade profissional.

Uma significativa parte da população de travestis no Brasil, sobrevive a base de prostituição – enquanto fonte financeira de sobrevivência. Os processos sociais de exclusão, aos quais essas sujeitas estão submetidas, contribuem para uma série de dificuldades quanto a inserção e estabilidade em ambientes de qualificação educacional e profissional, e, por consequência, no mercado de trabalho.

A prostituição faz parte da minha vida há muitos anos. Comecei a viver da prostituição bem cedo, desde ter sido expulsa de casa com doze anos, e minha saída de casa foi bem complicada. Lembro até hoje da cena. Meu pai havia chegado em casa muito tarde da noite e, para completar, bêbado. Logo que ele entrou em casa, começou a gritar, acordando todo mundo, falando que, se eu era travesti, se eu era uma bicha, ele não aceitaria um viado na família (SILVA, ORNAT e CHIMIN, 2013, p. 69)

A realidade experienciada por travestis é marcada por múltiplos momentos de exclusão, primordialmente advindos do ambiente familiar e de locais que reproduzem traços comportamentais da sociedade, principalmente a escola.

O facto de elas exibirem e/ou incorporarem atributos de género não-conformes ao sexo designado no nascimento, tornava-as vítimas preferenciais de perseguição e de uma variedade de atos violentos não só em contextos de trabalho sexual, como também fora deles. Os ataques de que eram alvo, habitualmente designados por “crimes de ódio” ou “violência motivada pelo ódio”. [...] atuavam como uma ferramenta “normalizadora” na medida em que eram usados, por um lado, para policiar, corrigir e domesticar (e, se for caso disso, eliminar) determinados sujeitos (considerados “indesejáveis”, a escumalha da sociedade) e, por outro, proteger os interesses dos que se encontravam em harmonia com a ordem de género (FERREIRA apud RAMALHO, 2014, p. 241).

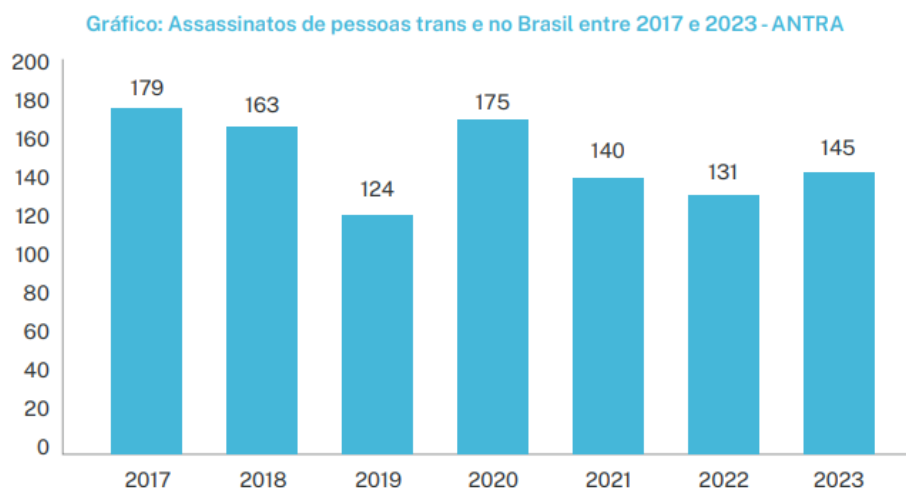
É notável que uma travesti, de acordo com Silva (2008), carrega em si marcas visíveis de transgressão a uma série de padrões que são socialmente impostos, e é a partir disso que essas pessoas estão sujeitas a uma série de violações quanto as suas respectivas existências, como já brevemente mencionada no capítulo anterior. É a partir dessas situações que os espaços públicos como ruas e praças, ou demais marcos arquitetônicos tornam-se seus respectivos espaços de trabalho.

Travestis e pessoas trans, em geral, frequentemente enfrentam altos níveis de marginalização e discriminação na sociedade brasileira. Isso pode dificultar o acesso a oportunidades educacionais, emprego formal e serviços de saúde, levando muitas dessas sujeitas a buscar meios alternativos de subsistência, como a prostituição. Os estigmas causados por estes fatores sociais, e que empurra essas sujeitas para as ruas, corrobora para a constante associação da imagem de travestis à atividade da prostituição.

As maneiras como as travestis agem para garantir e defender seus territórios podem soar até de forma agressiva, dado o contexto em que se encontram. Essas características, com base nas leituras realizadas na construção dessa pesquisa, estão estritamente alinhadas com as experiências vivenciadas pelas travestis ao longo de suas vidas particulares, sendo espelhadas como um mecanismo de autodefesa já que estão constantemente expostas a situações de perigo.

Abaixo (Figura 3), o gráfico informativo trás dados específicos sobre assassinatos contra pessoas trans nos últimos sete anos, ainda de acordo com a Associação Nacional de Trans e Travestis (2023), esses dados podem não corresponder à totalidade de mortalidades desse grupo, visto que muitos desses casos acabam por não ser notificados.

**Figura 3** – Infográfico acerca dos assassinatos de pessoas trans entre 2017 a 2023



**Fonte:** BENEVIDES, 2024.

Devido à discriminação e marginalização, muitas travestis enfrentam condições de vida precárias e estão em maior risco de violência física, abuso e exploração. A prostituição pode ser uma maneira de sobreviver em meio a essas circunstâncias, embora também possa expor essas pessoas a mais riscos. Ainda

que tratando da legalidade, crimes de ódio contra a população LGBTQ+ sejam criminalizados, a realidade é bem oposta tratando de travestis, levando em conta a taxa de mortalidade que esse grupo acaba estando sujeito.

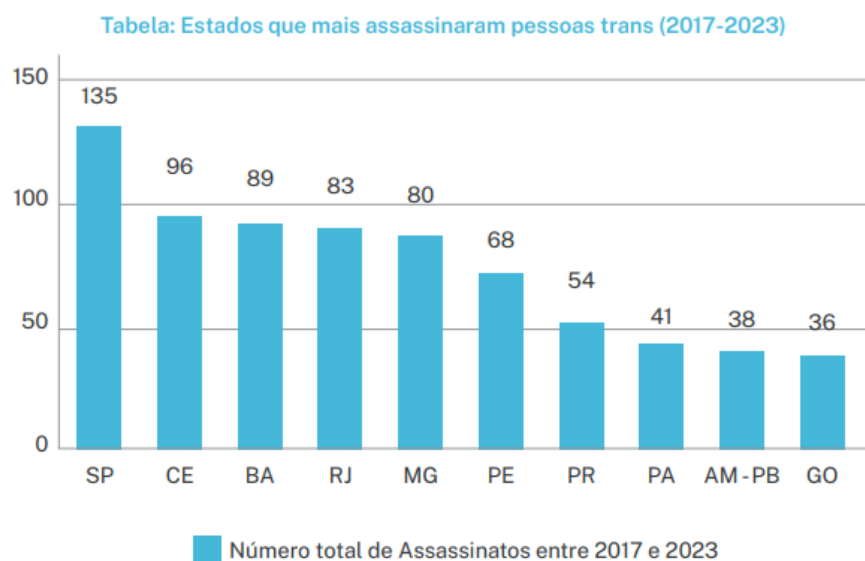
A maioria das vítimas de violência transfóbica no Brasil são mulheres trans e travestis, especialmente aquelas que pertencem a grupos marginalizados, como pessoas negras e pobres. A discriminação múltipla enfrentada por essas pessoas aumenta sua vulnerabilidade à violência.

Os números estimativos no cerne de discussão em torno de sujeitas travestis são notavelmente preocupantes, segundo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), revela que, em média, essas pessoas acabam expulsas de seus domicílios ainda na adolescência.

Ainda de acordo com a ANTRA, a quantidade de homicídios de pessoas trans no país contrasta de forma evidente com a informação de que os homicídios no país tenham tido uma queda. Se por um lado, segundo o Ministério de Segurança Pública, a quantidade de assassinatos teve uma queda de 6% em 2023 em comparação com o ano anterior, por outro a realidade não condiz para as travestis.

Tratando desses assassinatos, a seguir (Figura 4), é curioso apreciar os casos de mortalidade dessas sujeitas; unidades federativas do sudeste e nordeste concentram a maior parte dos casos absolutos.

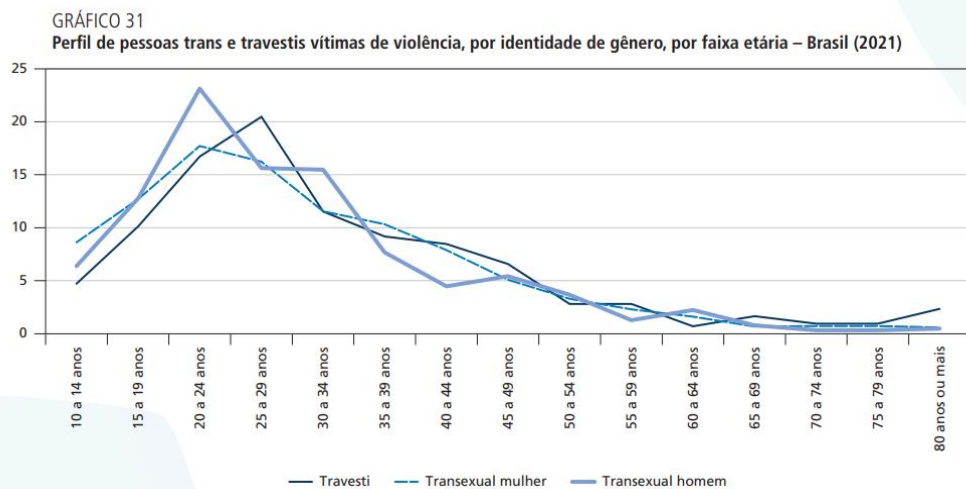
**Figura 4** – Infográfico acerca dos assassinatos de pessoas trans entre 2017 a 2023 por unidades federativas



Fonte: BENEVIDES, 2024.

Aliado de todo um complexo por falta de oportunidades, o Brasil é o país que mais mata trans/travestis em todo o mundo, onde também, de forma contraditória, é o local que mais consome pornografia relacionada a esta categoria. As estimativas demonstram que a cada 48h, pelo menos uma pessoa trans seja assassinada, a média das vítimas gira em torno dos 13 aos 29 anos, de uma expectativa de vida que chega a pouco mais de 35 anos (BENEVIDES, 2024). Como podemos verificar no infográfico a seguir:

**Figura 5** – Perfil etário de pessoas trans vitimadas pela violência



**Fonte:** CERQUEIRA; BUENO, 2023.

Geralmente as atividades da prostituição ocorrem ao ar livre, e como estão desassistidas de quaisquer tipos de assistência e/ou proteção nesses locais, é onde se encontra a maior parte dessas vítimas: ainda de acordo com a ANTRA, a maior parte dessas ocorrências ocorre em locais abertos, onde essas travestis estão desassistidas de qualquer proteção que não sejam elas mesmas.

Diante da quantidade de casos de violências e crimes, colocamo-nos a refletir sobre o papel da ciência geográfica diante do silenciamento de grupos marginalizados e excluídos. Compreender a geografia da prostituição travesti é crucial para desenvolver respostas eficazes, que abordem não apenas os aspectos econômicos e sociais, mas também os contextos físicos e espaciais nos quais essa atividade ocorre.

Tal como ocorre nos contextos acadêmicos da geografia, no cotidiano também existe uma significativa ausência de informações mais específicas acerca dessas sujeitas. Ao analisar as realidades que as sujeitas travestis possam estar

submetidas, em seu cotidiano, um traço muito marcante acaba por sobressaltar: a violência.

Mesmo com os dados que são reportados anualmente, é importante frisar que esses índices podem ser maiores levando em conta o histórico de negligências que essas sujeitas estão condicionadas mesmo mortas, sendo ignoradas pelas suas identidades, ou por assistência mais detalhada de órgãos competentes, como tratado em muitas reportagens:

O relatório também aponta que há um vazio de dados de crimes contra pessoas trans no Brasil nas bases de órgãos públicos. “Como vem sendo insistentemente denunciado desde a primeira edição deste dossiê, a ausência de dados governamentais é um problema sério que precisa de atenção. Dados sobre essas violências seguem inexistentes ou insuficientes quando comparadas com o que é reportado pelos canais de notícias”, destaca o texto. (BRASIL DE FATO, 2024).

Os históricos de silenciamento dessa parcela da população se fazem muito presentes na sociedade brasileira. Um simples levantamento em sites de busca na internet, escancara o Brasil como o país que mais mata a população trans/travesti no mundo. Todavia, trata-se de uma taxa que pode ser ainda maior, levando em consideração a ausência de dados mais específicos.

Em outras buscas sobre o assunto na internet, é corriqueiro notar que grande parte dos casos de violência contra a população LGBTQ+, esteve, e ainda está amplamente sustentada de discursos ideológicos que culminam em desinformação, adicionando estigmas sobre essas sujeitas, que vivem em constantes incertezas de suas respectivas existências.

É fundamental destacar que o período mais recente, analisado por este Atlas, foi marcado pela institucionalização de discursos LGBTfóbicos, sintetizados na máxima de que “minorias têm que se adequar”. Se o quadro estrutural impunha invisibilidade e ausência de acesso de LGBTQI+ a direitos, aquele momento histórico impunha ameaças diretas, mediante um conjunto de táticas convergentes, replicadas internacionalmente por diversos governos de extrema direita: desinvestimento, sucateamento e instrumentalização de equipamentos estatais para perseguição sociopolítica da população LGBTQI+ e a disseminação de discursos de ódio promotores de vilificação e abjeção contra tal população (MIGUEL, 2021; PAYNE E SANTOS, 2020 *apud* CERQUEIRA; BUENO, 2023, p. 61).

Algumas ideologias extremistas, incluindo discursos religiosos fundamentalistas ou ideologias políticas radicais, podem promover a intolerância e o ódio contra pessoas LGBTQ+. No caso das travestis, associam as imagens dessas

sujeitas à imoralidade e afins, e faz com que as mesmas ainda estejam altamente expostas a situações de risco às suas territorialidades, em seus espaços de trabalho.

Em resumo, é pertinente notar os diversificados nuances que permeiam as problemáticas da prostituição travesti, quase que como uma rede conexa, ligando vários fatores até o núcleo tratado de forma mais superficial nesta pesquisa. Entender as razões pelas quais essas sujeitas estão majoritariamente fadadas a baixíssimas expectativas de vida, ou ainda as construções coletivas de territórios para a materialização de suas identidades, são alguns dos pontos de interesse nos quais a geografia pode se fazer inserida neste cerne, de forma que possa enriquecer os debates sobre essa categoria social.

De fato, a ciência geográfica oferece ferramentas e abordagens valiosas para entender e abordar as problemáticas relacionadas à prostituição travesti, desde o estudo das dinâmicas urbanas que se estabelecem nesses espaços, que acabam por contribuir para a manifestação dessas territorialidades. Ainda, por meio de cartografias sociais, em contato direto com as sujeitas, dando-lhes oportunidade de voz ativa diante das problemáticas que permeiam suas existências.

## **CAPÍTULO 3 – OS TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO EM SANTARÉM**

Neste capítulo da pesquisa apresentamos as análises dos espaços que são territorializados para a finalidade da prostituição travesti em Santarém/PA. Não foi realizado contato com as sujeitas, mas evidenciamos e esboçaremos as localidades onde atuam, os equipamentos e demais configurações comerciais e sociais que permeiam a escolha desses espaços, para o estabelecimento de suas respectivas atividades.

### **3.1. Os espaços da cidade convertidos em territórios da prostituição**

A área central de Santarém apresenta em suas rotinas cotidianas diversas territorialidades, mas diferentemente de outras grandes cidades Brasil afora, não é aí que se assentam as análises desta pesquisa. O espaço onde foram observadas as territorialidades de prostituição está localizada cerca de 4,5 km do centro da cidade de Santarém/PA.

O recorte espacial a ser vislumbrado nessa discussão é um trecho específico ao longo da BR-163 (Rodovia Santarém-Cuiabá), onde podem ser percebidos microterritórios destinados à prática do comércio sexual. A atividade que pode ser percebida com pouca frequência atualmente com ocorrências noturno pela noite, adentrando as madrugadas. Nos espaços para ao longo do trecho analisado da BR-163 é possível notar ao longo do dia, uma série de configurações visuais com relação às atividades que são estabelecidas até determinados horários, um espaço multiterritorial ocupado por transeuntes, comerciantes, vendedores ambulantes e demais empreendimentos, além das residências que ali se estabelecem.

Como aborda Souza (2001), essas zonas urbanas onde são estabelecidas essas territorialidades são localizadas em áreas de obsolescência ou espaços deteriorados, e passam por um conjunto de reorganizações na sua paisagem de forma que acabam por corroborar para as atividades que por ventura possam se estabelecer dentro de seus limites. Em Santarém/PA, o único viaduto presente na cidade, tornou-se, com o passar dos anos, um importante ponto de referência, quando se trata da prática da prostituição, por estar localizado em um ponto muito específico de Santarém. O mesmo está localizado no cruzamento da Av. Fernando Guilhon com a BR-163, ponto que conecta os principais fluxos de tráfego, advindos das zonas mais movimentadas no município (Figura 5). Além disso, outro importante

ponto a destacar, é o fato de ser rota de caminhoneiros vindos da parte centro-sul do país com mercadorias; principalmente o transporte de grãos.

Tendo em vista apenas essa base, encontram-se elementos suficientes para a efetivação da prostituição aí analisada, na qual a criação da identidade territorial é apenas relativa, mais propriamente funcional que afetiva como especificada por Souza (2001).

**Fotografia 1:** Viaduto de Santarém, espaço territorializado para a prostituição.



**Registro autoral.** Tirada em: 22 abr. 2024.

Apesar de essas territorialidades de prostituição de rua não serem percebidas com facilidade, seus respectivos funcionamentos, especialmente nos horários noturnos não devem ser desconsiderados. Além disso, os espaços apropriados pelas travestis não se esgotam em si mesmos neste viaduto. Elas dependem de mobilidade nos diferentes espaços ao longo do perímetro da BR-163 da área urbana de Santarém, contudo, o local de maior territorialidade é o viaduto.

Para a pesquisa, optou-se por não entrar em contato com as sujeitas foco das análises aqui apresentadas, apesar de terem sido registradas em suas localidades de trabalho em atividades de campo.

Importante salientar que, na compreensão das dinâmicas socioeconômicas que cercam a temática da prostituição, a movimentação de trabalho das travestis possa ser maior aos finais de semana, quando há um fluxo maior de pessoas em

movimento pela cidade. Por essa razão, não se pode eliminar a hipótese de que estes territórios são bem dinâmicos, podendo apresentar em diferentes configurações ao passar do tempo. A situação mostra como trata Souza (2001), a dinamicidade que esses territórios possuem, apresentando-se de maneira temporária.

**Fotografia 2:** Trecho da BR – 163 onde puderam ser observadas territorialidades de prostituição



**Registro autoral.** Tirada em: 22 abr. 2024.

Levando em conta as situações dispostas, esses territórios não devem ser compreendidos como fixos, mas flexíveis como uma das configurações tratadas por Souza (2001), territórios esses que podem passar despercebidos aos indivíduos que desconhecem as práticas de prostituição. Quando se trata de territórios de prostituição travesti, essas sujeitas não ocupam um ponto fixo do território, mas sim em movimentos constantes ao longo do mesmo, por isso foi possível vislumbrar algumas dessas sujeitas já em pontos mais afastados do viaduto da BR-163.

As situações vinculadas às atividades da prostituição envolvem muitas áreas do conhecimento nas ciências humanas, e não diferentemente na ciência geográfica, tendo elementos respaldados pela Geografia Regional, Urbana, Agrária e Econômica. Tendo em vista que uma série de padrões visuais são importantes

para o estabelecimento dessas atividades, é trivial compreender os mesmos ao longo do recorte espacial analisado.

O viaduto de Santarém/PA é um importante marco arquitetônico, sendo a única estrutura do tipo localizada na cidade, além de ser um ponto de conexão de diferentes zonas da cidade, o mesmo também está acompanhado de outras estruturas sociais. O mesmo se localiza na BR-163, concentrando em sua passagem uma grande quantidade de caminhões carregados de grãos advindos principalmente do eixo centro-sul do país, carga esta destinada ao porto da CARGILL<sup>3</sup>, localizado nas margens do rio Tapajós – afluente do rio Amazonas, na porção norte da cidade.

Nas proximidades do viaduto também se encontra outro equipamento específico do município, que é o Terminal Rodoviário, que possui um considerável fluxo de pessoas, observados ao longo do período diurno, e também noturno (Figura 7).

**Fotografia 3:** Trecho da BR-163 onde está localizado o terminal rodoviário de Santarém/PA



**Registro autoral.** Tirada em: 22 abr. 2024.

---

<sup>3</sup> Grande terminal portuário localizado a frente de Santarém para onde convergem as produções de grãos com destino ao exterior; advindos de outras partes do município, bem como de outras regiões do país.

A estrutura física do Terminal Rodoviário é bem antiga e precária, apesar de recentes intervenções; contando com baixos índices de iluminação pública ao seu redor, com algumas edificações e terrenos abandonados nas proximidades. Além das atividades de prostituição sendo observadas nos seus entornos, também foi possível identificar alguns usuários de entorpecentes.

Os usuários de droga, aí notados, escancaram uma problemática que por muitas vezes acaba por se aliar as práticas de prostituição, que é o uso desses materiais ilícitos nas práticas dessas sujeitas, para que possam suportar fisicamente as seguidas horas de suas jornadas, com diferentes clientes que venham a usufruir de seus serviços.

Com as situações subversivas a que estão submetidas essas espacialidades, é inerente pensar que também hajam ações de policiamento a fim de estabelecer a 'ordem' nesses espaços. Importante observar que essas territorialidades puderam ser observadas na rodovia BR-163, até o limite com o 3º Batalhão de Polícia Militar, que se localiza na mesma via.

A prostituição, em si, não é tida como criminalizada no Brasil, contudo, a mesma acaba por ter confluência com outras atividades que são criminalizadas, como o uso de drogas, brigas coletivas por gestão territorial, além de pequenos furtos ou assaltos. Nos espaços territorializados, analisados nesta pesquisa, essas práticas puderam ser percebidas, além de registros de ocorrências policiais que foram noticiados e ações dos órgãos de segurança pública, a fim de coibir essas práticas tidas como subversivas.

**Fotografia 4:** Trecho ao longo da BR-163 que costuma ser territorializado



**Registro autoral.** Tirada em: 22 abr. 2024.

Um registro de atividades policiais, para manutenção de uma ordem nessa localidade, foi noticiado há cerca de um ano, onde duas sujeitas abordaram um transeunte nas primeiras horas do dia, onde, como resultado acabaram por se apropriar de uma bicicleta<sup>4</sup>. Em depoimento, ambas relataram que a suposta vítima estaria em dívida com relação ao pagamento de um programa realizado pelas travestis.

Tendo em vista algumas dificuldades econômicas, analisando a influência de atividades ilícitas e da prostituição como partes da materialização das identidades de travestis de baixa renda, Garcia (2008) também traz importantes reflexões acerca das atividades policiais, que visam estabelecer a “ordem” nas confluências dos espaços por elas territorializados:

Não é difícil imaginar a violência policial a que foram submetidas as travestis desde seu surgimento como grupo social, no universo da prostituição. Simultaneamente “bichas” e “putas”, passaram a ser um alvo privilegiado de contenção por parte dos agentes da ordem. Tal modalidade de violência (ao lado de várias outras, onipresentes em seu cotidiano) pode ser entendida como uma recusa da participação das travestis no espaço público de negociação. (GARCIA, 2008, p. 248).

---

<sup>4</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2023/03/29/policia-militar-prende-travestis-por-suspeita-de-assalto-em-santarem.ghtml>.

Essas ações institucionalizadas refletem no espaço em questão, pois atualmente a visualização dessas travestis em suas atuações, como profissionais do sexo, tornou-se limitado a horários noturnos e na madrugada. Em contraponto, nos anos anteriores, era possível atravessar esses territórios em diferentes horários e vislumbrar grupos mais numerosos de travestis em suas respectivas batalhas.

Apesar de tais conjunturas, nestes espaços que apresentam remodelações e esquemas de segurança, não deixaram de serem territórios da prostituição, mas passam a ser constituídos de novas territorialidades, adaptadas às novas realidades, se mostrando de maneira mais discreta.

Podemos compreender então, que houve uma modificação com relação ao controle territorial do espaço estabelecido, outrora com maior domínio exercido pelas travestis em seus horários de atuação. Esse espaço passa a ser controlado pelo Estado, por meio de seus agentes de segurança pública, através de rondas, onde procuram manter aqueles locais seguros para os indivíduos que ali passam e os residentes próximos, em ações contra a apropriação desses espaços por certos grupos marginalizados pela sociedade, como no caso aqui analisado, as travestis.

Com o estabelecimento de novas dinâmicas territoriais, nos espaços que costumavam ser mais explorados pelas organizações territoriais das travestis, se faz necessário compreender que exista a possibilidade dessas sujeitas buscarem espaços alternativos, onde também possam exercer suas práticas. Souza (2001), destaca que esses territórios de prostituição são flutuantes, móveis e possuem um caráter cíclico com alternância entre o diurno e o noturno no mesmo espaço.

Diante da possibilidade dessas travestis transitarem com seus territórios de acordo com o cenário que os espaços corriqueiros estejam apresentando, a partir do próximo tópico, será trazido ao debate, uma espacialidade que possa ser entendida como alternativa para essas sujeitas, levando em conta que apresenta em suas dinâmicas, condições favoráveis para o estabelecimento dessas sujeitas no espaço citado.

### **3.2. Novas territorialidades da prostituição em Santarém**

Quando tratamos da atividade da prostituição; esta ocorrida em ambientes abertos como ruas e praças, não podemos deixar de discutir a identidade territorial e a territorialidade, que são essenciais para compreendermos as práticas e as estratégias existentes no território. (ALCÂNTARA, 2009). Levando em consideração

que os territórios da prostituição são importantes catalisadores para a materialização das identidades sociais dessas sujeitas, e que ali também podem adquirir rendas financeiras, é necessário que se reflita que, na ausência de possibilidade de territorialização de um determinado espaço, essas sujeitas buscam outros espaços para tais finalidades.

Em Santarém, devido às ações advindas do Estado por meio de agentes de segurança, as principais territorialidades passaram a ser invisibilizadas, o que pode ser uma razão para a alternância de espaços ocupados por essas sujeitas. Analisando algumas características das localidades, outrora ocupadas com maior frequência, outra possibilidade de territorialidade alternativa é a área nas proximidades do novo Terminal Hidroviário da cidade, localizado no bairro Prainha, situado na porção leste da cidade, nas margens do rio Amazonas (Figuras 9, 10 e 11).

Inaugurado em abril de 2023, o Terminal Hidroviário de Santarém – Joaquim da Costa Pereira, recebe diariamente, um grande fluxo de passageiros em entrada e saída de Santarém, e possui ampla capacidade de receber embarcações advindas de outros países para a finalidade do turismo.

**Fotografia 5:** Entornos do Terminal Hidroviário de Santarém



**Registro autoral.** Tirada em: 22 abr. 2024.

**Fotografia 6:** Vias sem assistência do poder público



**Registro autoral.** Tirada em: 22 abr. 2024.

**Fotografia 7:** Caminhões localizados ao longo das vias que cercam o Terminal Hidroviário



**Registro autoral.** Tirada em: 22 abr. 2024.

Aliada a estrutura do terminal de passageiros, ao longo da margem do rio Amazonas pode ser notada a existência de outros terminais e portos, destinados para embarque e desembarque de passageiros, cargas/mercadorias, além de combustíveis. O conjunto de todos esses equipamentos recebe significativa

quantidade de caminhões que se estabelecem ao longo das ruas que cercam o complexo hidroviário (Figura 11).

Para este caso deduzido enquanto uma territorialidade alternativa para a prostituição – de maneira geral; se encaixa de modo mais específico a observação de Souza (2001), sobre essas territorialidades temporárias, ou flutuantes. Aqui, o bairro é tido como mais periférico, e apesar do grande equipamento público aí instalado, o mesmo ainda se configura com menos atenção por parte do poder público, no que se diz respeito à infraestrutura, ainda se apresentam vias com baixa ou nenhuma iluminação, pouca pavimentação asfáltica, ausência dos serviços de saneamento básico.

Diferente do viaduto, as ações de policiamento são quase nulas, propiciando a prática de atividades mais subversivas. Com todos esses fatores, não é difícil encontrar, durante a noite, transeuntes visivelmente embriagados, ou sob efeito de entorpecentes.

Embora o intuito desta pesquisa não enfoque nas contradições na cidade de Santarém, é imprescindível que consideremos a segregação socioespacial sendo materializada na espacialidade nas proximidades do viaduto e do Terminal Hidroviário. Esta exclusão é favorecida por diferentes agentes a estes espaços que estão inseridos, empurrando as travestis para a invisibilidade, ou para uma espacialidade alternativa, estando essas ainda mais ocultadas, distantes de quaisquer assistências, estando à mercê de situações múltiplas nas ruas.

Outra importante observação, é quanto ao vínculo dessas sujeitas com os seus respectivos territórios. Mesmo que essas identidades territoriais se deem mais pela necessidade, de forma funcional do que necessariamente afetiva, como refletido por Souza (2001), com a dissolução de seus territórios, as mesmas podem ter parte de suas identidades diluídas, pois uma significativa parte de suas identidades são materializadas nesses espaços territorializados.

O espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo, é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente, catalisador cultural-simbólico – e, nessa qualidade, indispensável fator de autonomia. (SOUZA, 2001, p. 108).

Apesar da identidade de gênero dessas sujeitas estarem estritamente vinculada ao feminino, não se pode descartar a ideia de que as travestis também estejam condicionadas a assumirem outras identidades para além de seus

territórios. Em se tratando de Santarém, uma cidade de médio porte, algumas situações de preconceito podem se fazer de forma distinta às violências ocorridas em grandes cidades Brasil afora. Sendo assim, assumir outras identidades, poderia ser uma forma paralela, para que consigam sobreviver e passarem despercebidas no cotidiano.

De acordo com Haesbaert (1999), a identidade territorial se forma a partir do momento em que a mesma está relacionada, ligada ao território, o que é diferente de uma identidade social.

Partimos do pressuposto geral de que toda a identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. Se toda a identidade territorial é obviamente, uma identidade social, nem toda identidade social, toma, obrigatoriamente, como uma de suas referências centrais, o território. (HAESBAERT, 1999, p.172).

Sendo assim, nesses territórios onde ocorrem atividades da prostituição, podem ser identificadas não somente identidades sociais, como também territoriais, havendo então uma relação mais íntima com esses territórios que acabam por concretizar parte fundante dessas identidades.

Quanto as territorialidades que agora se desenvolvem de maneira mais discreta nos entornos do viaduto, é a de Sack (*apud* Haesbaert, 2004) analisando-a como:

A territorialidade humana envolve o controle sobre uma área ou espaço que deve ser concebido e comunicado, mas ela é melhor entendida como uma estratégia espacial para atingir, influenciar ou controlar recursos e pessoas, pelo controle de uma área e, como estratégia, a territorialidade pode ser ativada e desativada. (SACK *apud* HAESBAERT, 2004, p. 86).

Como observa Sack (*apud* HAESBAERT, 2004), essas territorialidades não enfocam exclusivamente o espaço concreto, mas abarca um conjunto de relações entre os indivíduos, e segundo o autor, como essas territorialidades são estratégicas, as mesmas podem ser ativadas e desativadas.

Essa desativação de territorialidades pode ser evidenciada no viaduto de Santarém e suas adjacências, onde outrora existia uma concentração maior de travestis atuando na prostituição, sendo, hoje, apenas uma territorialidade ativada de forma mais restrita, de acordo com dias e horários, sendo provavelmente

materializadas em outras localidades da cidade, como no caso das vias próximas do terminal hidroviário.

Dessa forma, podemos compreender que os territórios utilizados para a prostituição travesti, na chamada zona urbana de Santarém, compreende um espaço com múltiplas territorialidades, onde as travestis convivem com territorialidades exercidas por comerciantes, agentes da ordem pelo Estado, até mesmo com usuários de drogas e afins. Para gerirem essas territorialidades, essas travestis podem se utilizar de distintas estratégias que garantam suas estadias nesses espaços.

Porém, essas estratégias podem não ser tão eficazes de acordo com a harmonia que essas sujeitas convivem com territorialidades paralelas. Mesmo com todo um aparato de equipamentos sociais e comerciais nesse espaço estratégico, essas travestis acabam por serem empurradas para outras localidades, executando novos enfrentamentos, e por territorializar espaços mais obscuros, ou de maneira mais silenciosa, continuam invisíveis aos olhares da sociedade que as nega.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prostituição realizada pelas travestis não se limita somente às espacialidades abertas como ruas, praças, como evidenciado durante a pesquisa, locais em que as travestis puderam ser pouco visualizadas. É importante refletir que os meios de comunicação pessoais passam por constantes modificações tornando-se mais avançados, o que nos leva a refletir que essas sujeitas também possam atuar de forma virtual (redes sociais), meios que também podem ser territorializados.

Independente dessas novas realidades, essas territorialidades físicas ainda se fazem de forma muito mais expressiva nas atividades da prostituição, levando em conta a falta de recursos que envolvem as travestis, dado o fato que estão constantemente afastadas de serviços de educação, trabalho e saúde.

A existência dessas travestis é envolta de problemas, estando as mesmas negligenciadas nas esferas da sociedade, sendo uma questão séria e multifacetada, manifestadas em diversas esferas da vida dessas sujeitas. Estando expostas, desde seu entendimento, enquanto diferentes de um padrão social estabelecido, a situações que podem ser degradantes, nos âmbitos físico e psicológico.

É nas ruas que as travestis encontram algum tipo de possibilidade de garantia de vida. Assim, podemos compreender, com o auxílio de diferentes autores, que é nas ruas que essas pessoas veem suas identidades materializadas, ao passo que também podem garantir algum tipo de renda financeira. Por outro lado, nesses espaços abertos, as travestis também estão vulneráveis aos mais variados tipos de violência, e como as estatísticas alertam, é justamente aí que as violências mais brutais ocorrem, vitimando um grupo que existe sob uma baixíssima expectativa de vida.

Em Santarém/PA, assim como em muitas localidades, a ausência de dados sobre essas sujeitas é um detalhe que chama bastante atenção, sendo a única ocorrência encontrada, foi um caso envolvendo a questão da criminalidade em site de meios de comunicação.

Nas localidades onde são localizadas as territorialidades da prostituição em Santarém, existem serviços que de certa forma colaboram com o estabelecimento dessas atividades. O Terminal Rodoviário, o viaduto, e a importância da BR-163 onde foram observados essas atividades, bem como a própria configuração das vias de tráfego que cercam essas áreas, além da própria importância da BR-163.

Um ponto importante de ser pautado é sobre a ação do Estado, que ora negligencia as travestis, e, quando as enxerga, age de forma violenta e coíbe as atividades de sustento. Nos locais alternativos, onde essas sujeitas atuam, como estão distantes de áreas de grande movimentação da cidade, as atuações de policiamento são reduzidas, abrindo margem para a prática de atividades tidas como subversivas.

Como observado nessa pesquisa, os territórios utilizados pelas travestis para a prostituição, com o passar do tempo, foram gradativamente dissolvidos. Atualmente é com dificuldade que essas sujeitas podem ser visualizadas em suas localidades de trabalho, e quando ocorre, isso ocorre em horários noturnos, adentrando a madrugada, estando limitadas a poucas pessoas, e não mais coletivos mais numerosos como vistos outrora.

Os territórios dessas sujeitas não possuem estabilidade, podendo ser deslocados para outros espaços na cidade, onde as configurações existentes podem contribuir para o estabelecimento dessas novas territorialidades, ainda que não se configurem de forma tão estável. Portanto, podemos caracterizar essas territorialidades como móveis ou flexíveis pois, de acordo com as conjunturas que se estabelecem, essas sujeitas acabam sendo empurradas. A realidade desses territórios, é que são regidos pelas próprias prostitutas travestis, e atualmente, por conta dessas instabilidades, praticam sua gerência de forma muito discreta, estando ainda mais invisibilizada aos olhos da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Jean Moreira. Territórios invisíveis: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus. **Manaus: Universidade Federal do Amazonas-UFAM**, 2009.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023** / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>.

**BRASIL DE FATO**. Brasil tem um assassinato de pessoa trans a cada 3 dias, aponta relatório. CUSTÓDIO, Rafael; FONSECA, Bruno. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/01/29/brasil-tem-um-assassinato-de-pessoa-trans-a-cada-3-dias-aponta-relatorio#:~:text=No%20Brasil%2C%20como%20um%20todo,78%2C7%25%20do%20total>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

G1 SANTARÉM E REGIÃO. **Polícia Militar prende travestis por suspeita de assalto em Santarém**. Santarém 29 mar. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2023/03/29/policia-militar-prende-travestis-por-suspeita-de-assalto-em-santarem.ghtml>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

G1 SANTARÉM E REGIÃO. **Terminal Hidroviário de Santarém atende mais de 150 mil passageiros em um ano de funcionamento**. Santarém 22 abr. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2023/04/22/terminal-hidroviario-de-santarem-atende-mais-de-150-mil-passageiros-em-um-ano-de-funcionamento.ghtml>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 241–256, 2008. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v11i2p241-256. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25783>>. Acesso em: 29 de abril. 2024.

HAESBAERT, Rogério. Definindo território para entender a desterritorialização. In: \_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multidimensionalidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 35-98.

\_\_\_\_\_. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 169-190.

LOPES, Mateus Vantuir Cardozo. Territorialização e contexto histórico da prostituição travesti em Presidente Prudente–SP: uma abordagem a partir do bairro Vila Nova e Jardim Jabaquara. **Geografia em Atos (Online)**, v. 1, n. 16, p. 95-108, 2020.

ORNAT, M. J. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão - Doi: <http://dx.doi.org/10.5212/TerraPlural.v.2i1.041056>. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 2, n. 1, p.

41–56, 2008. Disponível em:

<<https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/1163>>. Acesso em: 10 maio. 2024.

ORNAT, M. J. Entre territórios e redes geográficas: considerações sobre a prostituição travesti no Brasil Meridional - Doi:

<http://dx.doi.org/10.5212/TerraPlural.v.32i1.089101>. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 89–101, 2009. Disponível em:

<<https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/1197>>. Acesso em: 10 mai. 2024.

ORNAT, Marcio Jose. Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: algumas reflexões teóricas e metodológicas. **Espaço e cultura**, n. 27, p. 75-88, 2010.

ORNAT, Marcio Jose; SILVA, Joseli Maria. Território Descontínuo Paradoxal, Movimento LGBT, Prostituição e Cafetinagem no Sul do Brasil. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 1, p. 113–128, 2014. DOI:

10.11606/issn.2179-0892.geousp.2014.81087. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/81087>>. Acesso em: 10 maio. 2024.

RAMALHO, Néelson Alves. **Virar travesti: Trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade social**. 2014.

RIBEIRO, Miguel Ângelo & MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da prostituição de rua na área central do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo (org.).

**Território e Prostituição na Metrópole Carioca**. São João do Meriti, Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002. p. 88-112.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geo Uerj**, v. 1, n. 18, p. 3-19, 2008.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Jose Marcio; CHIMIN, Alides Baptista (ORG.) **Geografias Malditas: Corpos, Sexualidades e Espaços**. Ponta Grossa TODAPALAVRA, 2013.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa Souza; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Geografia conceitos e temas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.

TAPAJÓS NOTÍCIAS. **Santarém: Prefeitura vai realizar obra de duplicação da BR-163 na área urbana da cidade**. Disponível em:

<<https://www.tapajosnoticias.com.br/2022/03/santarem-prefeitura-vai-realizar-obra.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2024.